



Cultura!



O MÊS DE FERNANDO PESSOA

O poeta, nascido em 13 de junho de 1888, tem sua obra revisitada pelos colaboradores do ‘Cultura!’
Págs. C3 e C4

O ‘Eu’

A filosofia da obra de Álvaro de Campos
Pág. C3

‘Cancioneiro’

A riqueza da poesia ortônima de Pessoa, aquela do autor ‘na sua própria pessoa’
Pág. C4

‘Steampunk’

Mais do que um gênero literário, uma manifestação estética
Pág. C2

Literatura

Um breve panorama da literatura sobre o futuro do passado que vem encantando leitores no Brasil e no mundo

AHORA DO ‘STEAMPUNK’!

BRUNO ANSELM MATANGRANO

A pesar de vivermos em um período de imenso desenvolvimento tecnológico, parte da Ficção Científica tem se voltado com cada vez mais frequência para nosso passado, ao contrário do que estamos acostumados a imaginar. Acontece que não é apenas de naves espaciais, androides cibernéticos ou criaturas biotecnológicas que se faz literatura especulativa; parte dela desenvolve-se a partir do passado, e esse tipo de história é chamada de *retrofuturista*. Trata-se de um modo narrativo no qual, em vez de especularmos sobre o que ainda está por vir, especulamos sobre como poderia ter sido o futuro de nosso passado, caso algo tivesse acontecido de modo diferente do que de fato aconteceu e outra tecnologia se desenvolvesse no lugar da que se desenvolveu.

Steampunk é uma das formas mais desenvolvidas de retrofuturismo, na qual, partindo-se de uma ambientação vitoriana (isto é, essencialmente, do século XIX), muitas vezes *underground*, superpoluída e decadente (e por isso *punk*), os autores *steampunk* reimaginam um mundo onde a tecnologia a vapor não foi suplantada pela eletricidade, podendo assim evoluir até tudo dominar. Em meio a esse caos de fumaça e manchas de óleo, e ao som do tiquetaquear de relógios de bolso, dos apitos das locomotivas e do som ritmado de engrenagens onipresentes, habitam, via de regra, grandes heróis da literatura e da história, como Sherlock Holmes, Júlio Verne, Jack Estripador, Napoleão e o Capitão Nemo, convivendo muitas vezes com criaturas sobrenaturais saídas dos clássicos de terror e/ou com seres feéricos, bem como com outros seres humanos e criaturas mecânicas.

O *steampunk* nasce nas décadas de 1980 e 1990, quando são publicadas, em língua inglesa, obras como *As Portas de Anúbis* (1983), de Tim Powers, *Homunculus* (1986), de James Blaylock, e a célebre *A Máquina Diferencial* (1990), de William Gibson e Bruce Sterling. Depois disso, logo ganham

Mas mais do que um gênero literário, o steampunk se traduz em uma manifestação estética, estendendo-se por diversas outras artes narrativas

o mundo, encontrando na França um grande nicho, com publicações como *Confissões de um autômato comedor de ópio* (1999), de Fabrice Collin e Mathieu Gaborit, e a premiada trilogia

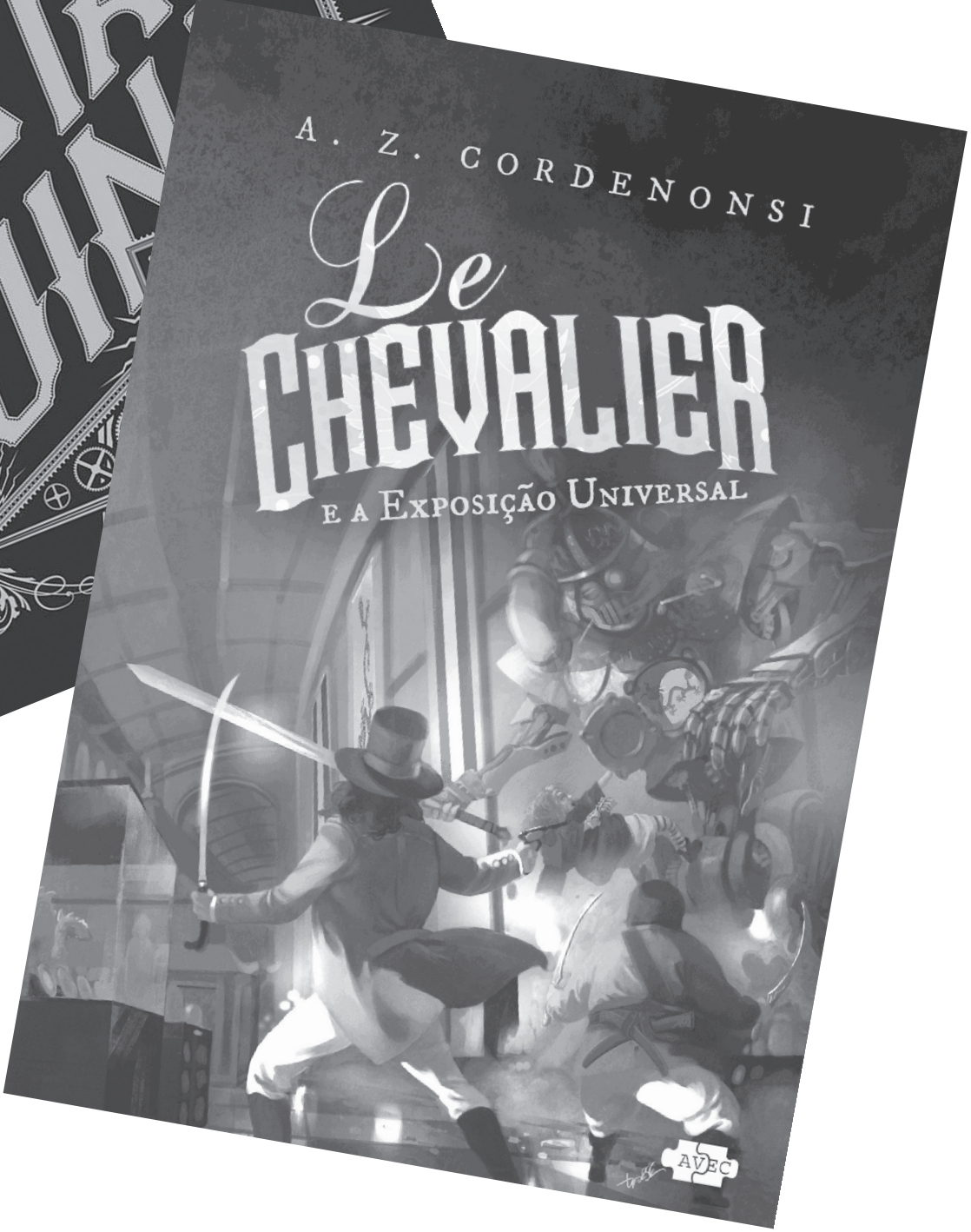
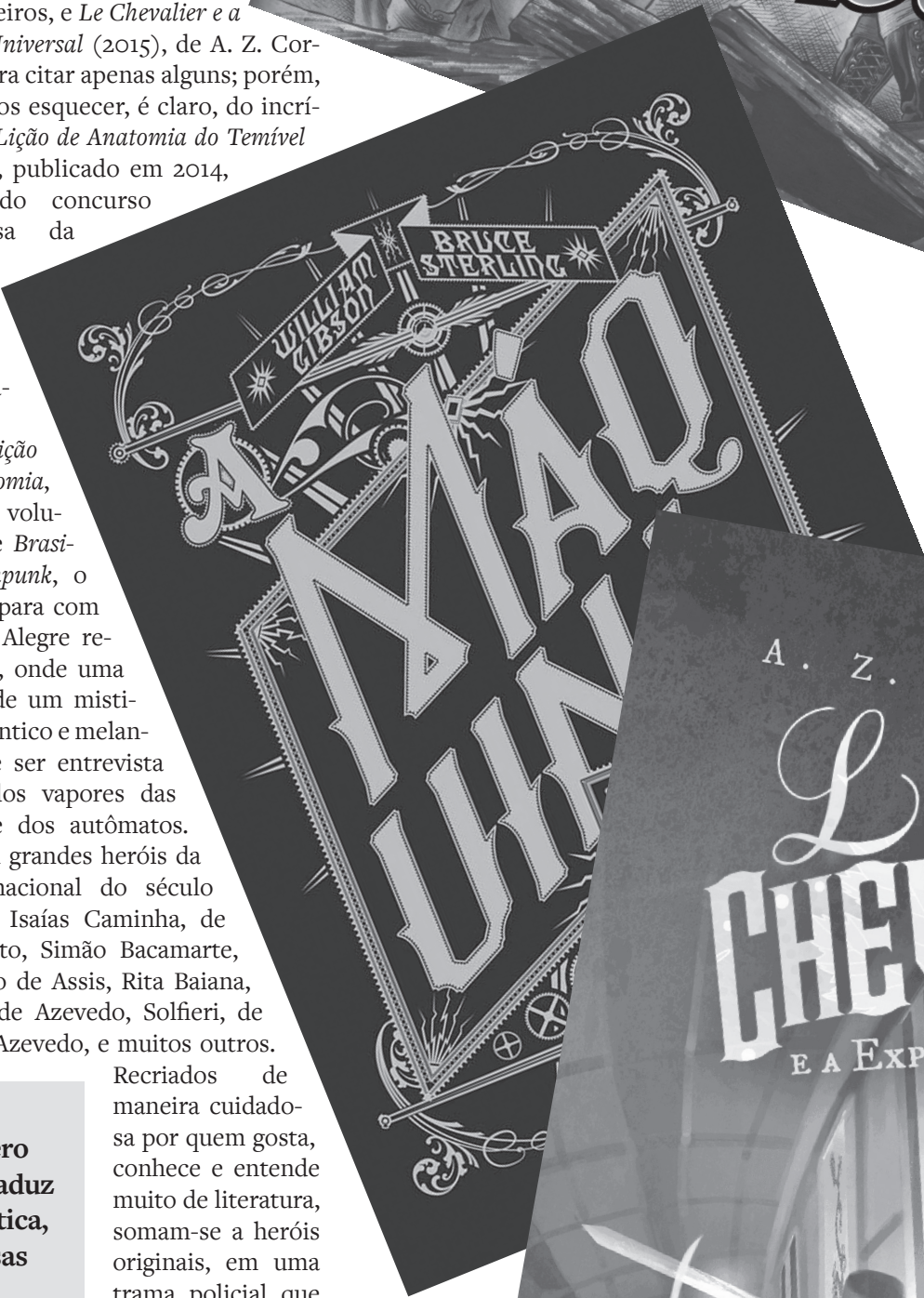
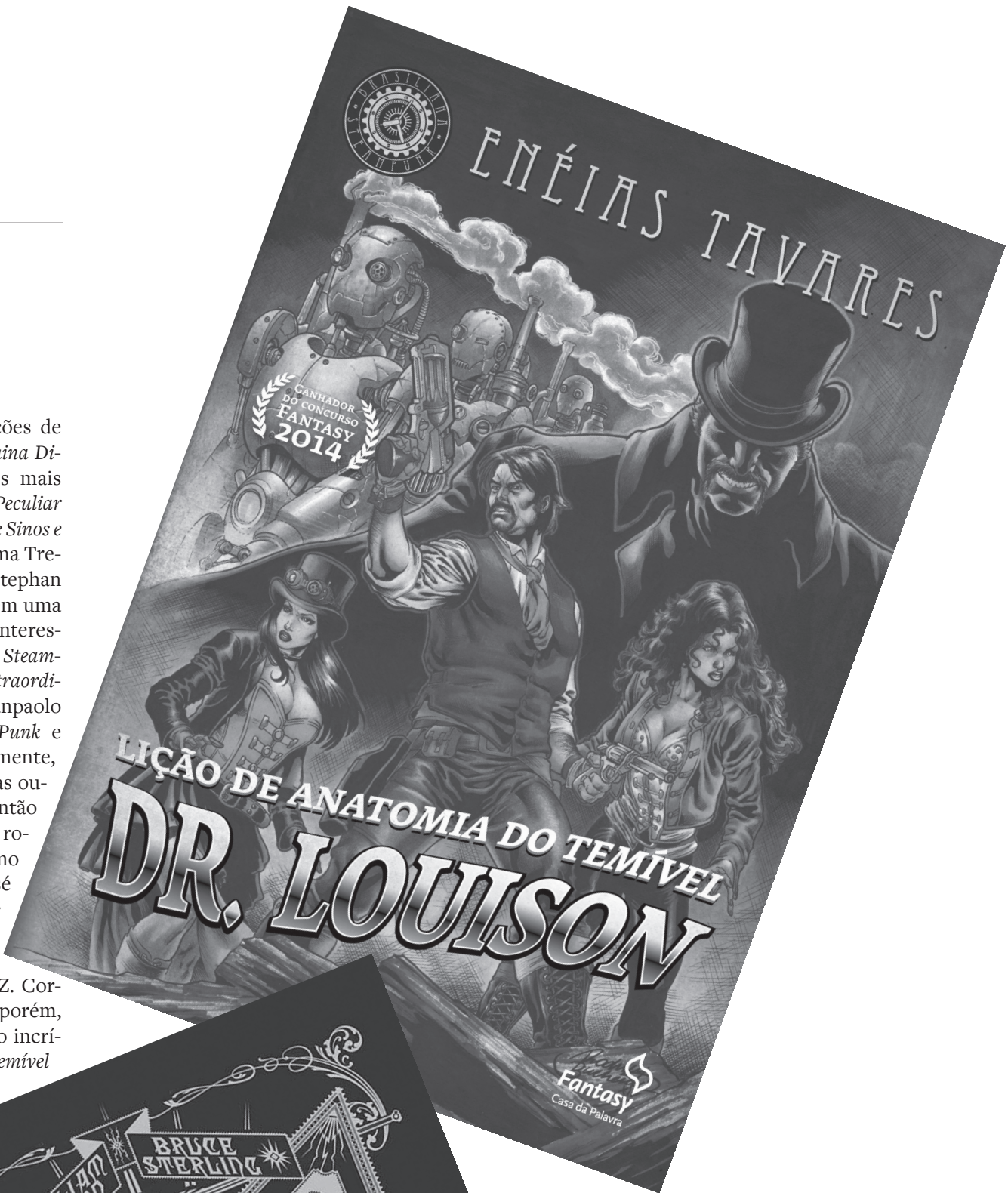
Beauregard de Hervé Jubert: *Magias Secretas* (2012), *O Torneio das Sombras* (2013) e *A Noite dos Egrégoros* (2016). Mas mais do que um gênero literário, o *steampunk* se traduz em uma manifestação estética, estendendo-se por diversas outras artes narrativas, como cinema, videogames e *graphic novels* (A *Liga Extraordinária*, de Alan Moore, é um dos exemplos mais consagrados), bem como à música, à fotografia e à moda, culminando, inclusive, em uma subcultura urbana bem organizada, cujos membros se denominam *steamers* (em inglês) ou *vaporistes* (em francês).

No Brasil, para além de traduções de clássicos do gênero, como *A Máquina Diferencial*, e de grandes expoentes mais recentes como a série juvenil *O Peculiar* (2014), de Stefan Bachmann, *Voos e Sinos e Misteriosos Destinos* (2014), de Emma Trevaayne, *A Corte do Ar* (2007), de Stephan Hunt, dentre outros, houve também uma onda de obras nacionais de grande interesse. A primeira delas foi a coletânea *Steampunk – Histórias de um Passado Extraordinário* (2009), organizada por Gianpaolo Celli; logo depois vieram *VaporPunk* e *Steampunk*, publicadas, respectivamente, em 2010 e em 2011, às quais muitas outras se seguiram. Não demorou então para que surgissem os primeiros romances nacionais *steampunk*, como *O Baronato de Shoah* (2011), de José Roberto Vieira, *Homens e Monstros: A Guerra Fria Vitoriana* (2013), de Flavio Medeiros, e *Le Chevalier e a Exposição Universal* (2015), de A. Z. Cordenonsi, para citar apenas alguns; porém, não podemos esquecer, é claro, do incrível livro *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison*, publicado em 2014, vencedor do concurso Fantasy/Casa da Palavra, escrito pelo professor e tradutor Enéias Tavares.

Em *A Lição de Anatomia*, primeiro volume da série *Brasiliana Steampunk*, o leitor se depara com uma Porto Alegre retrofuturista, onde uma atmosfera de um misticismo romântico e melancólico pode ser entrevista pelo véu dos vapores das máquinas e dos autômatos. Nela, vivem grandes heróis da literatura nacional do século XIX, como Isaías Caminha, de Lima Barreto, Simão Bacamarte, de Machado de Assis, Rita Baiana, de Aluísio de Azevedo, Solfieri, de Álvares de Azevedo, e muitos outros.

Recriados de maneira cuidadosa por quem gosta, conhece e entende muito de literatura, somam-se a heróis originais, em uma trama policial que mistura elementos de tradição naturalista e decadentista, descritos com uma linguagem trabalhada, ao mesmo tempo erudita e popular, o que nos mostra, por fim, as grandes possibilidades artísticas possíveis de serem alcançadas pelo *steampunk*, um campo propício (e ainda pouco explorado) para se fazer grande literatura (e grande arte).

*
BRUNO ANSELM MATANGRANO AUTOR DE ‘CONTOS PARA UMA NOITE FRIA’ (LLYR), É PESQUISADOR, EDITOR, TRADUTOR, ESCRITOR E DOUTORANDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)



Palavra



“Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quanto era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão.”

MANOEL DE BARROS,
NASCIDO EM CUIABÁ (MT) EM 1916, O AUTOR DE “GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO”, “O GUARDADOR DAS ÁGUAS” E “TRATADO GERAL DAS GRANDEZAS DO ÍNFIMO”, DENTRE OUTROS, MORREU EM CAMPO GRANDE (MS), EM 2014.

Manoel de Barros



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Poesia

Álvaro de Campos, o poeta que constata que não é aquilo que desejava ser, analisado por três criações suas: ‘Cruzou por mim...’ — poema sem título —, *Aniversário e Tabacaria*

O EU NOSSO DE CADA DIA

ZÉ RENATO

Finalmente Fernando Pessoa está onde deveria figurar: no panteão dos maiores nomes da literatura mundial de todos os tempos.

Custou tornar-se um cânone em face da língua materna e da condição geopolítica de seu país de nascimento. Sofreu por isso: sabia que era gênio e não foi reconhecido em vida como tal. Possivelmente, nascido britânico, de língua inglesa, ou ao menos tivesse escrito e publicado toda sua criação nesse idioma, não há dúvidas, sua situação era outra.

O poeta trazia consigo uma peculiaridade que também o fez único: seus heterônimos. Dentre os gigantes das letras não há mais nenhum caso cuja criação se desmembrasse em mais de uma centena de personalidades poéticas como ele. Dentre suas personas literárias destacam-se, por serem as mais conhecidas talvez: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Bernardo Soares.

Atendo-nos especificamente a Álvaro de Campos, verificamos uma obra calçada em temas que nos serão apresentados mais tarde por filósofos como Heidegger e Sartre e, pouco antes, por Nietzsche e Kierkegaard. As questões suscitadas pelo poeta — esse heterônimo em particular — dizem respeito à existência, seus dramas, desassossegos, angústias e dores cotidianas, as quais nos obrigam a olharmos para nós e constatarmos nossa insignificância em razão de uma vida nadificada.

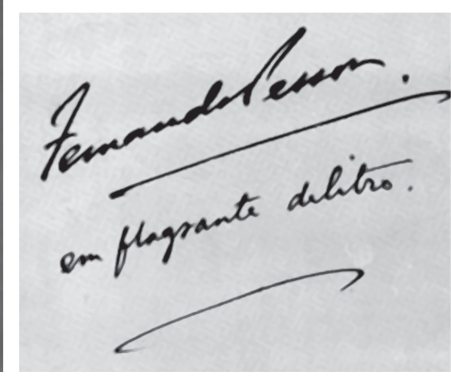
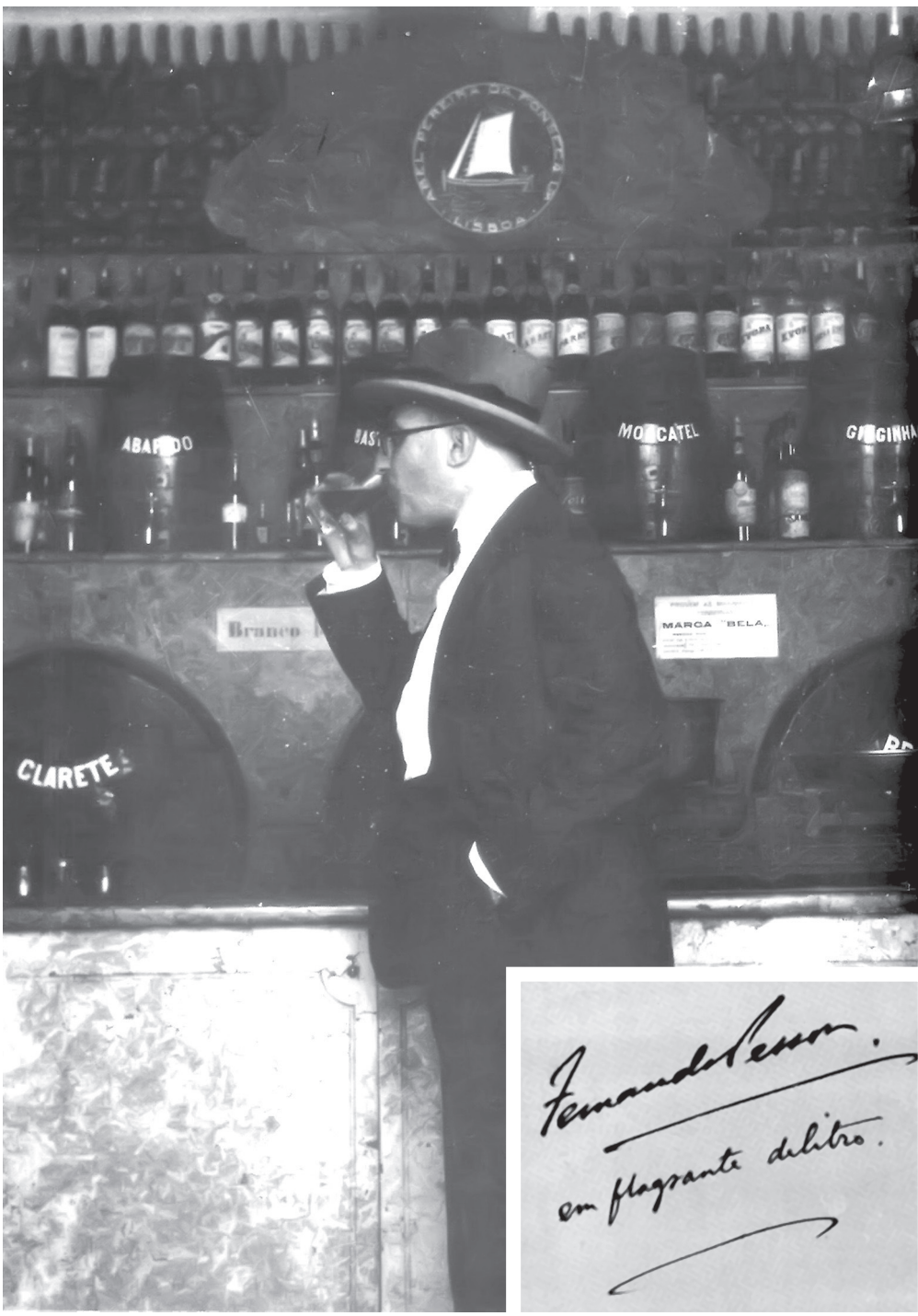
Da pena de Álvaro de Campos brotaram três criações magníficas: “Cruzou por mim...”, poema sem título, *Aniversário e Tabacaria*. Nessa trindade é possível verificarmos um sujeito cindido, ontologicamente fraturado, vazio e angustiado, contendo a frustração de não ser; ao mesmo tempo em que é detentor da lucidez de saber que não se é.

No primeiro ele nos joga como espectadores de uma cena cotidiana, aparentemente banal: dois homens se encontram, um é qualquer um, o outro, um pedinte “que tinha os olhos tristes, pedinte por profissão” que ao pedir esmola é atendido. Todavia, ao fazê-lo, o homem dá-lhe daquele bolso no qual tinha pouco. Não colocará as mãos na algibeira onde traz mais dinheiro. Ao conceder-lhe uma mísera moeda, alivia a consciência pseudocristã e segue em frente. Certo de que “fez o bem”.

Todavia, Álvaro de Campos nos alerta que ser “vadio e pedinte” não o é no sentido literal: “É estar ao lado da escala social, / É não ser adaptável às normas da vida, / Às normas reais ou sentimentais da vida... / Não ser pobre a valer, operário explorado, / Não ser doente de uma doença incurável, / Não ser sedento de justiça, ou capitão de cavalaria, / Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas / Que se far-tam de letras porque têm razão para chorar lágrimas, / E se revoltam contra a vida social porque têm razão para isso sempre. / Não: tudo menos ter razão! / Tudo menos importar-me com a Humanidade! / Tudo menos ceder ao humanitarismo! / De que serve uma sensação se há uma razão para isso supor”.

É possível afirmarmos que “ser vadio e pedinte” é viver à margem do estabelecido, moral e socialmente; para tanto, o poeta apresenta antíteses socioeconômicas do mundo contemporâneo. “Pessoas sociais dos novelistas” cujo enredo é determinado de antemão nesse quadro sócio-moral de supostas etiquetas e comportamentos de marionetes. Conclui a estrofe afirmando que sempre há uma “razão” a fim de submeter os quereres e opções que fujam à regra.

Ser vadio para o poeta “é ser isolado na alma”: saber-se só, no sentido de uma in-comunicabilidade que transcende ao verbal, dá-se no plano do sentir, do indizível. “É ter de pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso é que é ser pedinte”.



Depois de ironias com clássicos como Dostoiévski e Górkí, voltados às temáticas sociais, ele se autoironiza: “Coitado do Álvaro de Campos...”, para, enfim nos lembrar: não adianta nos escondermos de nós, fingindo dores e preocupações que se dão somente no plano da literatura. Não adianta nos autopiedarmos. Resta a lucidez: “Nada de estéticas com o coração...”. Não há como fugir.

A mesma dor reascende no poema “Aniversário”. Escrito em três tempos — passado, presente e futuro —, tem como metáfora a janela, cara ao poeta, no sentido de opor real e ideal, sonho e vigília, realidade e ficção, próprios desse humano cindido; e parte de mais uma cena do cotidiano, a passagem natalícia.

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz e ninguém estava morto. / Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos, / E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer. / No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma, / De ser inteligente para entre a família, / E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.”

A felicidade é um sentimento idealizado. Para enfatizá-lo, o poeta reforça como um dogma: se é feliz e pronto. Ironicamente, continua: “De não ter as esperanças que os outros tinham por mim”.

No presente vem a lucidez: “Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças. / Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida. / Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo, / O que fui de coração e parentesco. / O que fui de serões de meia-província, / O que fui de amarem-me e eu ser menino, / O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui... / A que distância!... (Nem o acho...)”

A passagem natalícia é a metáfora da janela, a cisão entre ideal e real. Hoje, adulto, lúcido, não possui a pueril esperança idealizada dogmaticamente.

“O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa, / Pondo grelado nas paredes... / O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas), / O que eu sou hoje é terem vendido a casa, / É terem morrido todos, / É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...”

No presente, o poeta se vê desesperançado, consciente, finito, descrito através da umidade a corroer a casa — ele próprio —, bem como as ervas daninhas a cobrir seus sonhos — a lucidez latente. Enfim, um mero sobrevivente sem sonhos e utopias, ilusões ou esperanças; e conclui: “Hoje já não faço anos. Duro. Somam-se-me dias. Serei velho quando o for. Mais nada”.

A cisão ontológica e a existência angustiada adquirem dimensões colossais no “épico” *Tabacaria*. Síntese das angústias cotidianas, um perfeito raio X do humano, em meio a todas as suas vilezas, mazelas e fracassos. Um amargo testemunho de um modelo de existir próprio da grande maioria.

O poema se inicia de forma dramática, nos apontando o cerne do sofrimento: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. A dor da consciência de se saber nada, de não poder sê-lo, ética, espietomológica e moralmente. Muito embora sonhe em ser.

A janela, novamente como metáfora, se para real e ideal, sonho e vigília, querer e poder: “Janelas do meu quarto. / Do meu quarto de uma dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é / (E se soubessem que é, o que saberiam?) / Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente, / Para uma rua inacessível a todos os pensamentos, / Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa, / Com o mistério das coisas por baixo das pedras de dos seres, / Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens, / Com o Destino

a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada...”

O saber no sentido do senso comum e na visão metafísica-ontológica sobrepostos, prenunciando Heidegger! As maravilhosas antíteses, como em *Aniversário*, a fim de ilustrar a tragédia humana.

Mais adiante surge a tabacaria como uma referência da realidade, opondo-se à ilusão do idealizado: “A Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E a sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro...”. E continua o bardo: “Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada. / A aprendizagem que me deram, descí dela pela janela das traseiras da casa. / Fui até o campo com grandes propósitos. / Mas lá encontrei só ervas e árvores, / E quando havia gente era igual à outra. / Saio da janela, sento-me numa cadeira. / Em que hei de pensar? / Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? / Ser o que penso? / Mas penso tanta coisa! / E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos! / Gênio? Neste momento / Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu, / E a história não marcará, quem sabe? nem um...”

Apresenta a dicotomia tudo/nada de forma dialética, reflexiva. Refuta os ensinamentos de sua contemporaneidade. A ida ao campo permite supor que seja uma crítica ao Romantismo, ao contato bucólico como solução dos dramas humanos. Aqui, contudo, em vão. Novamente a janela, ao real: o que pensar? No sentido metafísico, a impossibilidade de tantos serem a mesma coisa; e aqueles que porventura sejam vistos como gênios, não o são.

“O mundo é para quem nasce para o conquistar / E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão. / Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez... / Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu. / Mas sou, e talvez serei sempre... o que não nasceu para isso... o que tinha qualidades... / Crer em mim? Não, nem em nada... / E o resto que venha se vier ou tiver que vir ou não venha... / Escravos cardíacos das estrelas, / Conquistamos todo mundo antes de nos levantar da cama; / Mas acordamos e ele é opaco, / Levantamos e ele é alheio, / Saímos de casa e ele é a terra inteira...”

Novamente ideal e real em oposição, bailando numa corda que oscila entre a frustração e a apatia, o conformismo e pseudorrevolta. Apresenta-se a triste constatação de que não se é aquilo que desejaria que fosse. E escancara a dor e a descrença. Mas, acima de tudo, o inconformismo!

O poeta percorre o tempo na busca de respostas ou na ilusão de encontrar algo ou alguém, que seja capaz de desdizê-lo; porém, suas certezas se confirmam. Mesmo que se queira fugir do drama, ele continua a existir, como a analogia do rabo do lagarto. E continua a inserir dados ao drama, discorre acerca de sua dor — possivelmente a de não ter o reconhecimento merecido e sabido por ele —, de sofrer com uma situação comum a todos, no entanto, percebida e sentida somente por ele. É plausível pensar a possibilidade de que mais alguém passe a ter lucidez. Mas a certeza de tudo cai sobre si: “E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto...”, seu drama é exclusivo. Lúcido, somente ele percebe; o mundo continua a girar. Todos continuam a fazer as mesmas coisas, sem dramas ou sofrimentos. Apenas executam. Isso é uma solução? Óbvio, não é. Trata-se apenas do descortinar o vazio da vida inautêntica, dito pelo filósofo.

Podemos nos esconder de nós e da vida, nos alienarmos, manifestarmos uma ilusória alegria, buscando supostas qualidades atribuídas por nós ou mesmo por outrem; todavia, a dicotomia real e ideal mais hora, menos hora, chegará.

Nossa tragédia é cotidiana. Não adianta nos escondermos em “Eus”.

Poesia

Sem negar a riqueza da poesia dos heterônimos de Pessoa, não se pode olvidar o valor de sua poesia dita ortônima, ou, nas palavras do poeta, a poesia do autor ‘na sua própria pessoa’

FERNANDO PESSOA: A POESIA DO ‘CANCIONEIRO’

LINO MARFIOLI

Muito se tem falado sobre a riqueza da poesia dos heterônimos de Pessoa. Juízo acertado, sem dúvida, porém parece-nos que essa “supervalorização” da poesia dos heterônimos muitas vezes leva a que se obscureça ou não se dê o devido valor à sua poesia dita “ortônima”, ou, como ele mesmo o disse, a poesia do autor “na sua própria pessoa”. É comum que a poesia de Pessoa seja, na sua versão heteronímica, rotulada de “filosófica”. Concordamos com tal assertiva e acreditamos que, em se tratando de fazer poesia de “outros”, era imperativo que Pessoa lhes “emprestasse” opiniões, desejos, preocupações e ideias (filosofia), de modo a reforçar o caráter de “fingimento” a que se propôs ao concebê-los e, assim, pudesse dar ao leitor um diferencial entre estes autores não só em termos formais como também no ideário com que iria alimentar a produção poética de cada um deles. Poderíamos, esquematicamente, caracterizar a poesia de Caeiro como sendo a de um primitivo genial e inculto, avesso a abstrações, integrado à Natureza e contente com a vida simples e “não-pensada” que levava; Campos, de início, é o poeta da modernidade, da revolta, da provocação, e, paulatinamente, torna-se o poeta do cansaço, da descrença e da desilusão; Reis nos apresenta a vida olímpica, à margem das paixões mundanas e isenta de atribulações — prega a contenção, a contemplação e a aceitação do destino. Muito verdadeiro tudo isso, mas mera caricatura; as coisas não são tão simples assim: os heterônimos não são personagens tão inteiriços e unidimensionais como apresentamos acima. Mas voltemos à poesia ortônima, onde podemos observar o mesmo fenômeno: o autor “na sua própria pessoa” também é múltiplo e sua poesia abrange um espectro relativamente grande de preocupações e campos de indagação. Já notamos nos poemas iniciais do *Cancioneiro*, datados de 1909, quando Pessoa tinha apenas vinte anos, um tema central da obra que viria a assinar com seu próprio nome: “a ânsia de Causa indefinida”. Some-se a isso um desalento incompatível com a sua condição de moço: “a vida é só o esperar morrer”, desalento que o acompanhará durante toda a sua vida, fruto inevitável de sua implacável lucidez. Aliás, diga-se de caminho, os seis sonetos que compõem o *Em busca da Beleza* já prenunciam grande parte da temática que seria exaustivamente repisada em inúmeras suas composições futuras. A consciência de que “Tudo é nada, e tudo / Um sonho finge ser” o acompanha desde sempre e só vislumbra uma saída: “Só quem puder obter a estupidez / Ou a loucura pode ser feliz”. Nesta fase inicial da poesia ortônima já aparecem poemas de raiz ocultista, cifrados num simbolismo quase inacessível, com o título geral de *Além-Deus*, portadores de uma indagação profunda, uma ultratranscendência que desce ao questionamento da própria substância conceitual em que repousa o pensamento: “Entre o que vive e a vida / Pra que lado corre o rio? Árvore de folhas vestida — / Entre isso e Árvore há fio?” e encrespa ao máximo a tensão do estranhamento: “Deus é um grande Intervalo, / Mas entre quê e quê?... / Entre o que digo e o que calo / Existo? Quem é que me vê?” Ou ainda nessa nebulosa, quase incompreensível definição do indefinido: “Cinzas de ideia e de nome

/ Em mim, e a voz: Ó mundo / Sermente em ti eu sou-me...” Ainda nesta fase inicial, rica em este-reótipos gestados com finalidade explícita de vincar posições contrastantes entre si, aparecem poemas como *Passos da cruz* que reproduzem os catorze passos da *vía crucis* de um percurso estético/místico/existencial ou este outro, de um simbolismo extremo, superlativo e insustentável, como é o caso do poema *Impressões do Crepúsculo*, que propõe o “paulismo” (termo derivado de paul, que quer dizer pântano) ou ainda um poema como *Hora Absurda* onde, alegoricamente, temos a discussão estética da necessidade de ultrapassagem de uma literatura acumpliciada com uma tradição rançosa. Em todo caso, o que se faz é a defesa do primado da subjetividade absoluta e a denúncia da fragmentação do eu em miríades de células pensantes, angustiadas e sencientes. No belíssimo poema da ceifeira aborda, de forma magistral e axiomática, um tema caro a Caeiro, qual seja, o de que a felicidade mora na inconsciência, mas mesmo aí não se ilude: “Ah, poder ser tu, sendo eu! Ter a tua alegre inconsciência, / E a consciência disso!” Ou seja, só se é possível ser feliz sendo inconsciente, mas é preciso ter consciência da inconsciência para fruí-la, e aquele que tem consciência, é óbvio, não pode ser inconsciente... Jogo de espelhos absurdo onde um não-objeto reproduz uma não-imagem... Há momentos, raros na sua poesia, em que se utiliza da temática dos contos de fada para sublinhar o “ser a vida feliz” um mito, urdido no atemporal, fora do espaço da vida, num território de pureza imaculada, só com fruição possível num passado que não houve. Às vezes, num excesso incomum de franqueza puramente humana, desabafa: “Por que fiz eu dos sonhos / A minha única vida?” Acreditamos estar na pessoa de Pessoa (que caminhava tristemente pela Rua do Ouro acima) o motivo da também, parece-nos, “quase” confissão: “Além da cortina é o lar, / Além da janela o sonho.” Quem estaria por detrás da cortina? Ophélia Queiroz? — a quem Álvaro de Campos (*alter ego* de Pessoa) haveria de referir-se metaforicamente como a “dobrada à moda do Porto” que veio fria? Marcadamente erótico só se conhece um único poema de Pessoa (seja na obra ortônima ou na heterônima) e é aquele que termina dizendo que ela, a mulher desejada: “Apetece como um barco. / Tem qualquer coisa de gomo. / Meu Deus, quando é que eu embarco? / Ó fome, quando é que eu como?” Trata-se, a nosso ver, de mais um gesto teatral, entre tantos do poeta, destinado a mistificar, compor biografia... Por mais generoso que se queira ser com a figurinha simpática de Ophélia (pela qual Pessoa devia, de fato, sentir uma imensa ternura) o que prevalece mesmo é a confissão azeda do *Andaime*: “Ah, quanto do meu passado / Foi só a vida mentida / De um futuro imaginado!” E nem poderia ser diferente esse sentimento em alguém que se sentia sujeito a uma Missão (é esse o termo que usa, com maiúscula, na carta de rompimento de seu namoro com Ophélia) e que também algures escreveria: “Guia-me a só razão. / Não me deram mais guia.” Caso persistam dúvidas sobre seus supostos objetivos de uma vida afetiva simples e prosaica, leia-se o poema *A outra* e elas se dissiparão. Mesmo nos momentos de aparente des-

contração, em que observa o gato que brinca na rua, se põe a divagar e sua reflexão nos revela uma consciência lúcida a que não escapa o contraparelado entre ambos: “És feliz porque és assim, / Todo o nada que és é teu. / Eu vejo-me e estou sem mim, / Conheço-me e não sou eu.” Outro veio temático que seria explorado na poesia do *Cancioneiro* é o do ocultismo, principalmente o de feição rosacruziana (chegou-se mesmo a pensar que Pessoa poderia ter pertencido à Ordem Rosa Cruz ou à Maçonaria, fato sem comprovação documental). Preferimos nos alinhar com Jacinto do Prado Coelho que se refere à “inquietação metafísica” de Pessoa como fator responsável pela vastidão de sua curiosidade, à procura, sempre, de respostas para a sua insaciável sensação de mistério, sua sede de certezas com que pudesse aplacar a sua ânsia de dar significado para o estar-no-mundo. Mas este ocultismo, esse esoterismo com incidência episódica na sua poesia, não nos enganemos, nele representava uma trilha aberta no território da Gnose e não um apelo a uma transcendência de feição religiosa. Tanto é assim que percute em outro poema — *Eros e Psique* — e de maneira insofismável, a convicção de que o que busca na realidade já o tem em si, pois era ele mesmo a princesa que dormia. Na poesia ortônima da sua fase adulta predominam o entrevisto, o pressentido. Evoca o sutil, o vago, o evanescente... Misticismo, se quiserem assim chamar esta abertura para o sensível, revestido de uma musicalidade aérea, cheia de mágoa, de suave ressentimento... Há uma infinidade de poemas onde se vislumbam vivências tênues, essenciais, inefáveis, ao desamparo da razão, e que, portanto, não se condensam em episódios de vida prática. Poesia aparentemente sem filosofia. Sem filosofia? Como se não fosse o ceticismo a melhor das filosofias... Pessoa albergava em si tendências conflitantes: um ceticismo agudo, medular, patenteado na poesia ortônima, que coabitava com o nihilismo calcinante de Álvaro de Campos (que não deixa de ser uma espécie de certeza). É aqui que chegamos à fase dos poemas onde se “Entra mais na alma da alma” e surgem as composições magníficas, com conteúdo indefinido: “Boiam leves, desatentos meus pensamentos de mágoa” que prefiguram o “Sono de ser, sem remédio, / Vestígio do que não foi, / Leve mágoa, breve tédio, / Não sei se para, se flui; / Não sei se existe ou se dói.” Composição rara pela temática na obra de Pessoa é aquela que começa com “Foi um

momento / O em que pousaste / Sobre o meu braço, / Num movimento / Mais de cansaço / Que pensamento, / A tua mão / E a retiraste. / Senti ou não?” Há aí todo o vago e sutil de uma possível ternura — ternura simplesmente humana, aberta ao convívio — a que Pessoa jamais se permitiu. E no colossal, axiomático *Autopsicografia*, esculpe com versos lapidares o seu paradoxo de poeta único e incomparável: “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.” Servindo-nos de uma imagem genial de Álvaro de Campos diríamos: vestiu o dominó que não tinha tirado — personagem de personagem. Já quase ao fim de sua vida e com intuito de homenagear Sá-Carneiro — seu irmão amado em arte e em sonho — faz o soneto *Glosa*, um verdadeiro teorema existencial onde se expõe vencido e convencido do fracasso de sua existência inútil e inapetente, e diz com cruciante amargura: “Quem me roubou a minha dor antiga, / E só a vida me deixou por dor? / Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga, / Me deixou no fogo e no torpor?” / Quem fez a Fantasia minha amiga, / Negando o fruto e emurquecendo a flor? / Ninguém ou o Fado, e a Fantasia siga / A seu infiel e irreal sabor... / Quem me dispôs para o que não pudesse? / Quem me fadou para o que não conheço / Na teia do real que ninguém tece? / Quem me arrancou ao sonho que me odiava / E me deu só a vida em que me esqueço, / Onde a minha saudade a Cor se trava?” Para finalizar, acreditamos ter entremostrado ao menos parte da imensa beleza e do vasto teor desta produção poética labiríntica, ensimesmada, sitiada pela melancolia e o desencanto que foi a vida de sempre do seu autor. Uma vida suspensa e expectante, mas em momentos também misteriosa e desejável, como convite aberto para alguém que nunca o aceitou porque não tinha “casaco bom” por dentro do desejo.

* LINO MARFIOLI, ESTUDIOSO DE FERNANDO PESSOA, É PROFESSOR APOSENTADO

